

Aprovada na 862ª Sessão

ALADI/CR/Ata 860
(Extraordinária)
16 de abril de 2004.
Horas: 15h45m a 16h25m

ATA DA 860ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita de Enrique Iglesias,
Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Preside:

HÉCTOR CASANUEVA OJEDA

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein, Rubén Javier Ruffi e Marcelo Fabián Lucco (Argentina), Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), Bernardo Pericás Neto, Michel Arslanian Neto, María Cristina Ferraz Alves e Daniela Arruda Benjamín (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda, Oscar Quina Truffa e Axel Cabrera (Chile), Claudia Turbay Quintero e María Claudia Garavito Triana (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Equador), Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e César Manuel Remis Santos (México), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Marcelo Scappini Ricciardi e María Inés Benítez Riera (Paraguai); William Belevan Mc Bride e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Agustín Espinosa Lloveras, Miguel Pereira e Mariella Crosta (Uruguai), María Lourdes Urbaneja e Nancy Unda de González (Venezuela), Ernesto Ferreiro Rusconi (El Salvador), Fernando Martínez Westerhausen (Espanha), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Domingos Tomás Vila Garrido Serra (Portugal), Wang Yogzhan (República Popular da China), Igor Romanchenko (Rússia), Martín Stábile (BID), Pascual Gerstenfeld (CEPAL), Arnaldo Chibbaro (IICA), José Fiusa Lima (OMS/OPS) e Katiça Cekalovic (PNUD).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía, María Teresa Freddolino.

PRESIDENTE: Boa tarde!

Damos início à sessão, extraordinária, número 860 do Comitê de Representantes Permanentes da ALADI, para receber a visita de Enrique Iglesias, Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Senhor Chanceler do Uruguai e Presidente do Conselho de Ministros da ALADI, senhor Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, convidado especial nesta sessão, Enrique Iglesias, Autoridades Governamentais; senhores Embaixadores, senhores Embaixadores dos Países e Organismos Observadores, Corpo Diplomático, Acadêmicos, Empresários, senhor Secretário-Geral e Membros da Secretaria-Geral, amigas e amigos,

Celebramos hoje uma sessão extraordinária do Comitê, para receber nesta Sede o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias.

Bem-vindo, senhor Presidente, à Casa da Integração.

Em nome de meus colegas, quero manifestar, em primeiro lugar, que nos sentimos muito honrados e contentes com sua visita, que ocorre em um momento de vital importância para a Associação, que tem seu destino diretamente ligado às exigências e desafios apresentados a nossos países pelas novas realidades da economia e do comércio internacionais.

O dever do processo de integração latino-americano, desde que, há cinqüenta anos, fora colocado como projeto político de inserção internacional, baseado na complementação de nossas economias, derivou, na região, em uma variedade de iniciativas, esquemas, formas de relacionamento e projetos em curso, com diferentes resultados que refletem, por uma parte, dinamismo e vontade de avançar e, por outra, as fortes limitações que a realidade impõe a nossos países para atingir uma real integração, de acordo com a idéia fundadora.

Afortunadamente, podemos apreciar que, no âmbito regional, há cada vez mais consciência da necessidade de dar um salto qualitativo na integração, de tomar as decisões políticas que a façam avançar e de adaptar esquemas, instituições e mecanismos aos novos tempos.

De fato, no cerne da ALADI - que para muitos, há uma década, iria desaparecer devido à ALCA - temo-nos dedicado muito, com sentido de realidade, a analisar em profundidade as luzes e sombras do processo desenvolvido ao amparo do Tratado de Montevideu de 1980. Tratado que, nos últimos meses, tornou a se revelar visionário em sua concepção realista de flexibilidade e de aproximações bilaterais, visando uma convergência multilateral de economias diferentes em tamanho e grau de desenvolvimento.

A partir dessa análise, já concluída, estamos trabalhando no mandato da Resolução 55 (XII) do Conselho de Ministros, para elucidar e estruturar o caminho que devemos seguir para afiançar, potencializar e articular nossos laços construídos nas últimas duas décadas, por meio de mais de trinta acordos comerciais e de cerca de cem protocolos que, com os recentes acordos estabelecidos entre o MERCOSUL e os países andinos membros da CAN, projetam-nos para que, em poucos anos, mais de 87% do universo tarifário entre nós

esteja liberalizado a zero, o que será base para um Espaço de Livre-Comércio harmonizado e convergente, que corresponderá complementar com as disciplinas e normas necessárias.

Esse Espaço nos permitirá melhorar nossa competitividade sistêmica – um dos temas prioritários do BID – para nos inserirmos melhor no contexto econômico hemisférico e mundial; espaço que consideramos, certamente, funcional e não contraditório com os projetos de alcance hemisférico e com os esquemas multilaterais.

É a respeito disso tudo que o próximo Conselho de Ministros deverá se pronunciar em outubro deste ano; e sua implementação será tarefa prioritária da gestão da ALADI nos anos vindouros.

Portanto, senhor Presidente, será muito importante para nós ouvir os pontos de vista, idéias e orientações que o senhor, a partir de sua reconhecida visão integracionista e de sua longa experiência política e técnica no âmbito internacional, possa nos oferecer nesta tarde.

Gostaríamos de imaginar que aqui o senhor se sente em casa.

Sabemos que sua primeira visita a esta sede foi em 1981, quando o senhor ocupava o cargo de Secretário-Executivo da CEPAL. Posteriormente, visitou-nos como Chanceler do Uruguai e, em várias ocasiões, como esta, como Presidente do BID. Comprovamos com satisfação que, ao longo de sua carreira a ALADI tem ocupado um lugar importante em sua agenda de trabalho.

E também agrada-nos sua visita pelo alto prestígio da Instituição que o senhor representa, pelo impacto de suas iniciativas e por sua grande influência no sistema multilateral. Apreciamos que uma das prioridades da Instituição a seu cargo seja, justamente, a integração regional, tema que o senhor já destacou, em muitas ocasiões, como projeto-chave para melhorar nossa inserção internacional, a partir do desenvolvimento de nossa capacidade competitiva.

Coincidimos em muitos objetivos e visões, como não poderia ser de outra forma, pois representamos duas instituições que respondem a um propósito político comum originário, e das quais os Governos aqui representados fazem parte.

Pensamos, senhor Presidente, que o Tratado de Montevideu 1980 contém todos os elementos para avançar para a integração regional, abrangendo tanto os aspectos comerciais quanto os de cooperação e promoção econômica. Institucionalmente admite, se quisermos, múltiplas iniciativas que transcendem o tarifário e o normativo, em matérias tais como integração física, comércio eletrônico, complementação produtiva, desenvolvimento empresarial, coordenação estatística, que podem ser abordadas por nossos países como iniciativas comuns, ao amparo do Tratado, evitando essa prática já comum de criar cada vez mais instituições e tratados para cada nova iniciativa.

Senhor Presidente, ao terminar estas palavras de boas-vindas, eu gostaria de destacar que a atual efervescência integracionista que estamos vivendo na região precisa de âmbitos de encontro de posições, de intercâmbio de projetos, de harmonização de idéias e de estabelecimento progressivo dos máximos denominadores comuns. Nesse contexto, nossas instituições têm muito para contribuir com nossos países em um trabalho conjunto e convergente.

Temos certeza de que podemos desenvolver importantes iniciativas a este respeito, pois a integração precisa se adaptar ao século XXI em sua proposta, recuperando os

sentidos estratégico e geopolítico originários, mas com novos e imaginativos desenhos e mecanismos institucionais; e para isso, como já dissemos e é evidente, o trabalho do BID é imprescindível.

Muito obrigado, senhor Presidente, por sua presença e, mais uma vez, bem-vindo a sua Casa.

- Aplausos

Ofereço a palavra ao Secretário-Geral, Embaixador Juan Francisco Rojas.

SECRETÁRIO-GERAL: Muito obrigado, Presidente.

Senhor Presidente do BID, senhor Chanceler da República do Uruguai e Presidente do Conselho de Ministros, senhor Presidente do Comitê e demais membros do Comitê de Representantes, senhor Representante do BID, Representantes dos Países e Organismos Observadores, honorável Corpo Diplomático, senhores Secretários-Gerais Adjuntos e demais companheiros da Secretaria-Geral, amigos todos,

Para a Secretaria-Geral é uma grande honra contar novamente em sua sede com o Presidente do BID, Enrique Iglesias, a quem conheci pessoalmente quando presidiu o Conselho de Ministros da Associação, no ano 1987. Desde o ano em que eu assumi a Secretaria-Geral, mantemos uma excelente relação de trabalho, e não apenas no âmbito institucional de nossas atividades. O senhor também apoiou muito uma das idéias que forjamos aqui, em nossa gestão, a da criação da Cátedra Latino-Americana de Integração na Universidade da República – naquela ocasião tivemos a honra de que o senhor a inaugurasse. Portanto, estamos profundamente emocionados por tê-lo novamente conosco, para ouvir sua voz experiente sobre a situação da América Latina e como vê, nestes momentos, nosso processo de integração.

O Presidente do Comitê de Representantes já enumerou com bastante detalhe as atividades que estamos desenvolvendo na Associação, com o respectivo balanço. Efetivamente, agora estamos aguardando o próximo Conselho de Ministros para sentar as bases do que seria um Espaço de Livre-Comércio, contando com a participação dos doze países-membros, que será uma primeira resposta a um dos maiores desafios da região latino-americana: melhorar, de forma conjunta, sua inserção na economia internacional e poder aproveitar de alguma forma, se possível, os benefícios da economia globalizada.

Este exercício da conformação de um espaço de livre-comércio na região é resultado dos esforços realizados pelos doze países-membros da Associação em matéria de integração de mercados. Temos integrado a região de forma progressiva e, paulatinamente, tem se diversificado a integração das demandas.

Lamentavelmente, Presidente, disso tudo esteve ausente o ser humano. Integramos mercados, com maior, ou melhor, eficácia, e com maior, ou melhor, eficiência; porém, o projeto que estamos construindo não seria completo se não incorporássemos as bases para o desenvolvimento de uma série de programas em diferentes áreas, que efetivamente contribuam para o bem-estar da população latino-americana.

A América Latina sucumbe na marginalidade e na desesperança neste momento. Nós devemos, também, da integração, impulsionar projetos nas áreas da saúde, da educação e da cultura. Precisamos que sejam desenvolvidos empreendimentos conjuntos em matéria de ciência e tecnologia, que tenham um impacto direto sobre o desenvolvimento produtivo e que também se ocupem da geração de empregos. A ação conjunta para a solução de

problemas comuns, que é o princípio essencial de todo processo de integração baseado na solidariedade, deve ter, fundamentalmente, o ser humano como sujeito e objeto desse processo.

Por isso, permanentemente insistimos em que vamos dar respostas a boa parte das atuais exigências da história latino-americana. Quanto à outra parte das exigências, no momento mais adequado, também teremos de assumir a responsabilidade de encontrá-lhes resposta.

Por isso, acredito que nosso processo de integração, a partir da conformação desse Espaço de Livre-Comércio, não cumpre uma meta, mas apresenta novos desafios. Novos desafios que têm íntima relação até com a distribuição dos benefícios entre toda nossa população.

Dessa forma será possível, senhor Presidente, darmos uma resposta adequada a nossos mandantes, àqueles que permanentemente nos perguntam o que fazemos com a integração. Será nesse momento, que poderemos, então, contar com uma base de sustentação social suficientemente sólida para afiançar o processo de integração no qual estamos todos empenhados.

Não sei, Presidente Iglesias, se terei mais alguma possibilidade de recebê-lo nesta casa em uma ocasião tão solene quanto a presente; por isso, quero expressar-lhe meu agradecimento por toda a colaboração que o Banco que o senhor preside nos deu ao longo dos cinco anos que estamos à frente da Secretaria-Geral. Embora tenham sido projetos de interesse comum, tanto para a organização que o senhor representa quanto para a nossa, tenho certeza, e sempre disse isso a todos os funcionários da Secretaria, que as contribuições e a cooperação que recebemos do Banco Interamericano de Desenvolvimento foram, basicamente, graças a sua gestão, que hoje reconheço e agradeço publicamente.

Acredito que poderemos continuar a trabalhar juntos no futuro. Sempre surgem problemas burocráticos e sempre há discussões entre os escalões intermediários para tentar definir os projetos, mas tenho certeza de que o sábio pensamento de Enrique Iglesias e seu agir tão elegante como sempre vão resolver todos os problemas. Espero, também que, no futuro, o Banco Interamericano de Desenvolvimento continue a colaborar com a Associação.

Presidente, ao mesmo tempo em que faço este reconhecimento e dou as mais cordiais boas-vindas ao nosso visitante em nome de nossa Organização, vou parafrasear um de meus antecessores, que, quando no ano 87, ao retirar-se da Secretaria tomou seu braço e disse: meu futuro fica em mui boas mãos. Eu tenho certeza de que nosso futuro imediato, com sua dissertação, está em excelentes mãos.

Muito obrigado por sua visita.

- Aplausos.

PRESIDENTE: Ofereço a palavra ao senhor Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (Enrique Iglesias): Senhor Presidente, senhor Secretário-Geral, senhor Chanceler, senhores Embaixadores e Representantes, prezadas amigas, e prezados amigos,

Sinto-me muito contente de voltar para Casa, nesta Instituição que freqüente faz umas quantas décadas, não apenas a ALADI, mas também sua antecessora, a ALALC, que conheci, e estive no nascimento daquela importante e histórica iniciativa, da qual esta Instituição é a herdeira. Os brasileiros diziam: “os privilégios da idade”, não é mesmo? Lembro-me muito bem do entusiasmo com que partiu essa importante iniciativa histórica, que tem muito a ver com as próprias raízes de nossa região, de nossa história, de nossos líderes. Nesses âmbitos foram evocados os grandes princípios dos quais partiu a América Latina desde sua independência, de forma que sempre é muito simbólica a presença nestas Salas, nestes lugares de encontro, porque faz parte desse patrimônio histórico que representa esta Instituição, que é preciso recordar sempre, porque é muito importante que não percamos de vista a grande mensagem com que começou esta iniciativa há mais de 40 anos.

Considero que estão ocorrendo coisas importantes no mundo e estão ocorrendo coisas importantes na América Latina e em cada um de nossos países, e o debate sobre o tema com o qual os senhores se ocupam e nós todos nos ocupamos neste momento, de qual é o papel central que deve ter esta organização, como o senhor assinalava, é importante localizá-lo dentro desse marco ao qual acabo de fazer referência.

Certamente estão ocorrendo coisas muito importantes no mundo, boas e ruins, algumas até muito ruins, porém, é verdade que estamos vivendo uma realidade na qual começa a ser percebido um avanço espetacular do comércio mundial, a partir desse dinamismo que são hoje as economias industrializadas e as novas economias que estão se incorporando no panorama internacional. É o caso do leste asiático: impressionou-nos nos anos 80 com os famosos NIC's e agora nos impressiona o surgimento no cenário internacional de economias como a da China e a da Índia, que fazem parte de – eu disse isso hoje de manhã em um foro – um segundo andar no mundo, foi colocado um segundo andar, cheio, certamente, de grandes oportunidades, imensas oportunidades para a humanidade, mas também cheio de desafios que não são desprezíveis. Se já os tínhamos antes, agora são muito maiores.

Há uma transformação muito importante nas correntes comerciais do mundo, nas correntes de investimentos que, de certa forma, sacodem nossa capacidade de ação, de imaginação e de atuação. Mais do que nunca, hoje somos requeridos, como países e como região, para nos localizarmos nesse contexto internacional, com essa dinâmica extraordinária que tem hoje a comunidade internacional.

Também estão ocorrendo coisas na América Latina e coisas muito importantes, há poucos dias participamos de uma reunião do Banco em Lima -acho que há aqui algumas caras que vi naquele encontro– a reunião anual do Banco. E naquela reunião, eu recordava com os Governadores do Banco, que, depois de 4 anos de recessão, a América Latina vê este ano com mais otimismo, com mais oportunidades de crescimento, vamos crescer 4%, depois de ter tido um escasso 1% em média nos últimos anos, isto significa que a América Latina começa a despertar para uma etapa de crescimento, mesmo que não seja o crescimento que desejamos, um crescimento importante para a história recente.

E, nesse crescimento, eu assinalava que há causas internas, os países desenvolveram políticas sérias em matéria fiscal, em matéria cambial, em matéria monetária. Mas há, também, uma conjuntura internacional que está nos beneficiando, que está na nossa frente: estes países, que dependem tanto das matérias primas, vivem de certa forma do auge do preço das matérias primas, que estamos vendo hoje, muito influenciada pelo fenômeno chinês, pela demanda chinesa. Estamos vendo uma queda nas taxas de juros, as mais baixas dos últimos 45 anos. Estamos vendo, ainda, um dólar desvalorizado que,

certamente, para as operações na área “não-dólar” nos beneficia, aumentando nossa capacidade de concorrência, isto é, estamos perante uma realidade internacional que somada às políticas nacionais está dando como resultado um período de bonança, assim o chamamos porque tudo está indo melhor.

O mais importante é que observemos esse fenômeno, pois é preciso vê-lo com cautela. Sabemos que essas coisas não são permanentes. Isto é, toda bonança, sobretudo quando que vem de fora, precisa ser vista com cautela; mas está aí, portanto, neste momento que vive a região, devemos olhar para frente, como já salientávamos, observar essa bonança perguntando-nos qual é o chamado do momento atual.

Eu dizia que se trata, primeiro, de administrar a bonança, segundo, de ver como podemos melhorar um pouco os indicadores sociais e, terceiro, de tentar pôr a negociação internacional nesse contexto de oportunidades circunstanciais que nos oferece o momento atual.

Administrar a bonança supõe muitas coisas, mas, basicamente, supõe aproveitar para corrigir aquilo que temos pendente, como, por exemplo, toda a área fiscal, que é algo que hoje inquieta e preocupa a grande maioria de nossos países. Temos de abordar a área fiscal, pois é uma das áreas a respeito das quais devemos reagir e, assim, administrar a bonança.

É preciso, certamente, tentar melhorar as condições básicas de nossos países, como a poupança e a capacidade para investir, que caiu 20% nos últimos anos. Precisamos, também, encontrar a forma de gerar as condições que nos permitam nos aproximarmos de economias muito mais competitivas; o Banco está muito comprometido com o desafio da competitividade, pois acreditamos que hoje é um assunto central, tão importante quanto o social, que logo mencionarei. A competitividade, hoje é um desafio de importância extraordinária em todos os países. Estamos trabalhando com a maioria deles, também aqui no Uruguai, tentando ver como podemos nos preparar para nossa inserção em uma economia aberta, na qual se desenvolvem esses novos fenômenos que acabo de mencionar.

Todo o assunto da competitividade, que vai além de dominar as variáveis macroeconômicas, obriga-nos a fazer reformas estruturais, a abordar assuntos de infraestrutura, os sistemas judiciários, as condições de funcionamento dos mercados financeiros, pois abrange assuntos muito complexos que, de certa forma, hoje estão no cerne das preocupações para o futuro.

Se nossos países não se unirem aos esforços de competitividade, correrão o risco de ficarem excluídos desse trem dinâmico da história contemporânea, portanto, esse é, realmente, o desafio mais importante. Esse é um assunto que, agora e nestas condições de maior folga, temos de aprofundar e ver como podemos administrar. Creio que todos esses elementos fazem parte das tarefas que podem surgir por termos hoje maior folga por um período determinado de tempo, que temos pela frente.

Em segundo lugar, o que mencionava o Secretário-Geral, temos as dúvidas sociais, que são muito grandes. A respeito dessa bonança, as pessoas se perguntam: E agora? O que é que eu vou receber dessa bonança? Eu acredito que é preciso ver como podemos fazer alguma coisa que nos permita administrá-la de forma tal que algum dividendo social comece a fluir para os setores da sociedade que estão mais abandonados ou mais excluídos. Pois considero que, nesta matéria, neste momento de maior desafogo fiscal, é realmente possível fazer um esforço sério para dar maior eficiência ao gasto social.

Lembremos que, na última década dos 90, o gasto social aumentou 58% em termos reais com respeito à década precedente, isto é, houve um esforço muito importante, porém, continuamos tendo muita pobreza, continuamos tendo uma distribuição da receita muito desigual, continuamos tendo desemprego, isto é, de alguma maneira temos de usar um pouco deste maior desafogo circunstancial para investir mais no social, para investir melhor e, dessa forma, dar respostas a essa angústia que hoje existe na América Latina e que, de certa forma, está comprometendo a base de apoio social para muitas dessas coisas.

É preciso enfrentar isso, o momento atual nos convoca e uma das tarefas é ver o que fazer com a integração. Nos últimos anos a América Latina tem se esforçado muito, especialmente dos 90 em diante, quando foram iniciadas as políticas dos acordos bilaterais, aprofundando na criação de novos esquemas de colaboração, como o MERCOSUL, outros foram vitalizados, como o Grupo Andino, o Grupo Centro-Americano, a zona do Caribe, o início por primeira vez dos grandes acordos da América Latina com os países do Norte, com os Estados Unidos, com a Europa e com alguns países asiáticos.

Isto é, realmente a dinâmica na qual entramos é muito grande, portanto, a pergunta central é como, neste esquema de fatos que ocorrem nos âmbitos mundial e regional, podemos realmente voltar a localizar conceitualmente, intelectualmente, o esforço integrador. Eu vou coincidir totalmente com o senhor e vou tentar coincidir a partir da idéia de que este é um momento no qual voltar a pensar o esforço de integração adquire uma importância fundamental, porque realmente tem um papel a cumprir.

Nós já vimos auges e declínios em matéria de integração. Nós lembramos do velho regionalismo, partimos com muito entusiasmo, foi um regionalismo que avançou o que deu para avançar, mas tinha limitações de tipo interno no que respeita à capacidade de direção dos governos e ao modelo prevalecente, que era um modelo de economias semifechadas, com instabilidades macroeconômicas, com problemas de insuficiências de solidez das instituições democráticas.

Esse regionalismo deu passagem a uma segunda fase, que todos conhecemos. O regionalismo fechado deu passagem ao renascer de um regionalismo aberto e acredito que a integração regional passou de ser um instrumento para minimizar os custos de economias fechadas, para tentar se transformar em um instrumento importante para adaptar nossos sistemas econômicos à economia internacional. E esse é o sentimento dominante hoje, a grande missão da integração é exatamente essa.

Acredito que um dos frutos importantes da experiência do regionalismo aberto é, primeiro, que começou, a partir da redução das barreiras tarifárias, a se transformar em um instrumento de lucros em matéria de competitividade e de eficiência. Acredito que houve, sem dúvida, uma maior produtividade das economias como consequência desse fenômeno de regionalismo aberto.

Segundo, também apareceu esse fenômeno acompanhado de uma abertura na relação com os países regionais, que permitiu, por sua vez minimizar os possíveis efeitos do desvio do comércio. Creio que também começaram a ser incorporadas, no novo regionalismo aberto, disciplinas de segunda geração, que regulam barreiras não-tarifárias, serviços e outras áreas que vieram conexas nos acordos que foram sendo aprovados e, além do mais, vimos como, depois desse regionalismo aberto, começaram a ser abordados outros assuntos, tais como a cooperação em matéria de infra-estrutura, o IIRSA, Puebla-Panamá, e começamos a ver, também, o surgimento de outras cooperações ainda muito mais profundas, que são as cooperações políticas, vimos como foi sendo criada uma cultura, na qual esses esquemas serviram para algo mais que os instrumentos comerciais

ou os instrumentos de cooperação com o resto do mundo, serviram também para objetivos de tipo político, que foram, de certa forma, protegidos e ajudados pelos esquemas regionais. Quer dizer que os esquemas de integração abriram uma perspectiva muito importante, que compensa trazer à tona nestas circunstâncias.

Agora, creio que é importante aproveitar esses momentos favoráveis para consolidar os sucessos, para aprender das limitações e tentar de entender novas opções ou novos objetivos. Acredito que aí está o cerne de avançar em aprofundar a integração, colocá-la ao serviço da estabilidade macroeconômica, tentar que seja, ainda, uma forma importante de contribuir para uma distribuição mais solidária e eqüitativa dos benefícios da integração imediata, fundamentalmente para os países menores e, dessa forma, o instrumento integrador hoje, tendo em vista as experiências passadas, pode ser um grande estamento de valorização de nossa capacidade de ação nos mercados internacionais e a capacidade de aprofundamento dentro de nossas fronteiras dos esforços de cooperação.

Nesse sentido, tem uma tarefa muito importante: o fortalecimento das instituições e aí, a tarefa de aproveitar para reforçar a solução de controvérsias comerciais, a coordenação macroeconômica, os procedimentos antidumping, pois todos eles começam a ter uma importância significativa nos avanços nessa matéria.

Creio que tudo isso deve ir acompanhado de um novo desafio: os ajustes estruturais que nossos países terão de fazer para adaptar-se a sistemas de economias abertas. No Banco abrimos uma linha de ação, começamos com a Costa Rica, com vistas a ajudar os países a enfrentar os impactos que a abertura terá nas economias, e isso significa, fundamentalmente, fazer muito dentro para gerar o que na Europa se fez durante tantos anos: os ajustes estruturais tendentes a preparar nossas economias para a abertura às correntes comerciais.

Dentro desse esquema, falemos agora um pouco de como vejo eu o papel da ALADI. Nesse âmbito, eu começaria dizendo que a ALADI teve um papel de muito valor em sua história; como eu já disse hoje, e manteve os grandes ideais de preservar e custodiar o patrimônio histórico dos tratados comerciais que foram sendo aprovados, a experiência nas negociações, um terreno muito fértil, portanto, para o ressurgimento dos afazeres em matéria de integração.

Acredito que, se a ALADI não tivesse existido, as iniciativas políticas de integração dos 90 não teriam podido se desenvolver da forma como o fizeram, tenho certeza disso. Isso não aparece de forma clara quando fazemos uma valorização histórica desta organização e considero que compensa recordá-lo. Eu creio que, além do comércio, a ALADI foi um foro de reflexão e consulta de grande importância, onde foi possível discutir questões comerciais com um enfoque latino-americano. Creio que é importante que reafirmemos uma e outra vez que é fundamental manter a visão latino-americana dos problemas, além das possibilidades que oferecem as associações de países ou grupos de países, manter a visão da região como um todo, é muito importante e, dessa forma, depois possamos realmente construir, a partir dessa visão, os diferentes esforços que os países queiram empreender em associações de grupos de países ou regiões.

Nesta matéria, essa imagem que a ALADI teve desde o início, não permitiu a modernização dos instrumentos, e isso é um dos motivos que deveria nos levar a rever hoje o papel desta Associação. Isto é, rever como podemos, com novos instrumentos ou novos esquemas de intervenção, trabalhar para a presença e o fortalecimento da integração regional.

No que respeita ao desafio para o futuro, eu gostaria de fazer algumas reflexões. Para navegar um pouco sob os ventos da globalização, os países desta região têm de fortalecer sua capacidade nas negociações comerciais e ter um foro de reflexão e de consulta. Algo assim como um *think tank*, que seria o objetivo fundamental dedicado a consolidar e promover estratégias de integração profundas, para a inserção na economia mundial.

A América Latina, como região, precisa ter um local para a reflexão e essa é uma tarefa fundamental, na qual a ALADI pode e deve ter um papel central. Aqui há um patrimônio, uma tradição, um patrimônio de informação e de capacidade técnica acumulada muito importantes e creio que se tudo isso for adaptado às novas realidades, pode tornar a ALADI em objetivo estratégico da nova visão da integração na América Latina.

Eu gostaria de mencionar oito frentes nos quais considero que a integração e a ALADI poderiam ter um papel renovado com vistas ao futuro, nesse novo conceito de priorizar ou privilegiar o esforço de integração no contexto de tudo o que acontece hoje na América Latina em matéria de integração.

Primeiro, gerar informação harmonizada sobre preferências comerciais, sobre serviços e compras governamentais e, muito especialmente, na complexa área das barreiras não-tarifárias. Creio que isso seria fundamental; eis uma primeira tarefa que poderia significar para a ALADI aprofundar a integração e avançar nos objetivos dos mercados comuns.

Segundo, eu considero que esta Instituição também deveria continuar provendo assistência técnica nos idiomas dos países-membros, o que não é pouco, no que respeita a facilitar a comunicação, contribuindo para gerar e difundir amplamente nos países-membros as capacidades relacionadas com o comércio, que são necessárias para aplicar efetivamente e cumprir as obrigações pactuadas. Talvez seja útil reativar a experiência do CEFIR, porque ali há um capital acumulado, que compensaria rever, para poder, de alguma forma, apoiar-se nele.

Terceiro, seria importante animar um foro de difusão e consulta entre países, órgãos oficiais e a sociedade civil, onde sejam discutidos assuntos de interesse mútuo, ligados ao comércio e à integração. Uma das coisas que mais me preocupa quando percorro os países é quão pouco informada está a opinião pública sobre os assuntos do comércio, suas dificuldades, seus potenciais, e eu creio que isso se torna, automaticamente, em barreira fundamental para a ação política, simplesmente porque a opinião pública, a sociedade civil não foi atingida e desconhece o significado das oportunidades do comércio para fora e para dentro. Nessa matéria esta Instituição poderia, nesse âmbito, desenvolver uma tarefa muito importante.

Quarto, funcionar como mecanismo de articulação entre o MERCOSUL e a CAN, com vistas a acompanhar a convergência das normas comerciais para um espaço de livre-comércio regional. Isto é, promover iniciativas de cooperação crescente com outras áreas e facilitar negociações externas em particular, com outros membros da ALADI, como é o caso do México ou de Cuba.

Quinto, cooperar com as Secretarias do Mercado Comum Centro-Americano e da CARICOM, para promover mais comércio entre a ALADI e os países desses acordos.

Sexto, promover uma melhor participação dos países de menor desenvolvimento econômico relativo nos processos de integração, atendendo a suas necessidades específicas, e contrastar as disparidades que impedem o aproveitamento dos benefícios da integração.

Sétimo, gerar mecanismos de facilitação de negócios, para promover uma maior participação do setor privado, especialmente das PMEs, nos fluxos comerciais regionais e globais, por meio da difusão de informações, capacitação, facilitação de contatos setoriais; acredito que o fortalecimento do conceito empresarial poderia ser um fator particularmente útil nestes tempos.

E, oitavo, ser um ponto de ligação entre a região e o resto do mundo, fornecendo informação e inteligência comercial e facilitando contatos oficiais e privados, com vistas a promover as exportações e gerar mais investimentos estrangeiros.

Esses oito frentes – sei que fazem parte do debate de vocês todos – são elementos que, valorizados, poderiam devolver à Associação esse papel central que eu acredito que tem que ter no conjunto de esforços que hoje estão sendo feitos na América Latina, dentro da região e entre a região e o resto do mundo.

Dada sua tradição histórica, a ALADI está em uma posição privilegiada para servir para estes propósitos. Seria muito importante, porque percebemos que muitas vezes os esforços da integração ficaram comprometidos pela grande demanda de esforços nas negociações externas. Acredito, ainda, que é preciso olhar um pouco para dentro novamente e tentar encontrar, no esforço regional, uma dinâmica própria.

Esse esforço é importante, portanto, para definir novas prioridades. Esses exercícios precisam de uma Secretaria-Geral forte e vigorosa, apoiada pelos países-membros, e o Banco está muito interessado em continuar operando – como muito bem disse o Secretário-Geral, já operamos juntos, nos gostaríamos que tivesse sido em mais ocasiões – e estamos dispostos a continuar a fazê-lo.

Acreditamos em um papel revitalizado e renovado desta Instituição, acreditamos que a América Latina o precisa, acreditamos que temos de nos apoiar nas experiências acumuladas e, nessa matéria, como o Secretário-General já trouxera à tona, uma das quatro áreas prioritárias para nós é a área da integração. Portanto, olhando para o futuro, seja em colaboração com a Secretaria, seja, sobretudo, na nova fronteira que abrimos, trabalhar em matéria de ajustes estruturais, para nos prepararmos para o livre-comércio é um âmbito onde existe uma fértil área de cooperação entre ambas as instituições.

Por isso, meus votos de sucesso para este Comitê em seus esforços e, certamente, volto a reiterar, o que já foi feito em matéria de colaboração no passado será duplicado no futuro. Muito obrigado.

- Aplausos

PRESIDENTE: Agradecemos muito as palavras do senhor Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento e, efetivamente, as expectativas que nós tínhamos a respeito de seu discurso para esta tarde foram plenamente satisfeitas. Agradecemos suas idéias, suas orientações, seu estímulo e seu respaldo.

Agora, como já é tradicional, convidamos o senhor Presidente do BID para assinar o livro de Visitas Ilustres a esta Associação.

- Assinatura do Livro de Visitas Ilustres.

Também como é tradicional, e com grande alegria, entregamos ao senhor Presidente do BID uma lembrança de sua visita a este Comitê.

- O Presidente e o Secretário-Geral entregam ao senhor Presidente do BID uma peça de artesanato como lembrança de sua visita ao Comitê de Representantes.

Concluindo esta sessão, convidamos os senhores Embaixadores para a foto recordativa com o Presidente do BID e com o senhor Chanceler Operti e, posteriormente, para um vinho de honra com nosso convidado.

Encerra-se a sessão.
